



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

Uso do Diagnóstico Rápido Participativo – DRP na comunidade de Macuco, cidade de Minas Novas/ MG

Área Temática: Relato de experiência, metodologia e extensão

Victor Hugo A. Soares¹, Jéssica Alessandra Santos Brito², Doris R. dos A. Castro³, Dulce M. Pereira⁴

¹ Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, Ouro Preto - MG – victor.asoares@gmail.com

² Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, Ouro Preto - MG – jessicab_pro@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Viçosa – UFV, Viçosa - MG – dorisdosanjos@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, Ouro Preto – MG -dulcemariapereira@gmail.com

Resumo

O Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) é uma técnica que permite a obtenção da real condição de um grupo ou comunidade, através do diálogo e de suas ferramentas. No ano de 2010, uma equipe do Programa Agenda 21 Local do Quadrilátero Ferrífero, vinculado à Universidade Federal de Ouro Preto, realizou a aplicação do DRP na Comunidade Quilombola Macuco, pertencente ao município de Minas Novas – MG. Através da aplicação desta técnica, utilizando como ferramentas entrevistas semi estruturadas e mapa da realidade local, houve a oportunidade de conhecer e entender a partir da visão dos moradores, o seu cotidiano, cultura, saúde, lazer, suas relações socioambientais, meios de obter renda e os problemas enfrentados por eles. Essa técnica também leva a comunidade a enxergar-se melhor, refletir sobre suas limitações e potenciais. A atividade extensionista permitiu a aproximação entre universidade e comunidade e o DRP é um ponto de partida para possíveis intervenções e projetos locais.

Palavras-chave: Extensão; DRP; Agenda 21; Desenvolvimento Local; Vale do Jequitinhonha.

1 Introdução

O Programa Agenda 21 Local no Quadrilátero Ferrífero é um programa de Extensão, vinculado à Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto. Ele foi criado no ano de 2007, e desde o seu início tem a sua coordenação sob a tutela da Professora Dulce Maria Pereira. Entre suas características estão a multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade dos projetos desenvolvidos e da equipe que integra o grupo, sejam alunos, professores ou colaboradores externos.

Estas características organizacionais favorecem a melhor operacionalidade dos projetos extensionistas e o relacionamento direto com a Agenda 21 Local do município de Mariana. Com isso, consegue-se campo para a atuação de diversos projetos e espaço para comunicação com a iniciativa popular comunitária.

Dentro do escopo do Capítulo 32 da Agenda 21: “A Comunidade Científica e Tecnológica”.



9º

ENEDS |

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

“É importante que o papel da ciência e da tecnologia nos assuntos humanos seja mais amplamente conhecido, tanto pelos responsáveis por decisões que ajudam a determinar a política pública quanto pelo público em geral. A relação de cooperação existente entre a comunidade científica e tecnológica e o público em geral deve ser ampliada e aprofundada até tornar-se uma parceria plena.” (CNUMAD, 1992)

O Programa Agenda 21 Local do Quadrilátero Ferrífero realizou diversos Diagnósticos Rápidos Participativos. O uso dessa ferramenta de diagnóstico é importante para se ter conhecimento da realidade local de uma comunidade pela ‘versão’ dela própria. Esse detalhe é tão significativo que os instrutores do DRP devem ficar atentos ao observar e relatar as formas e mecanismos de explanação de uma idéia, caso ou fato histórico (passado ou atual). Por isso a recomendação comum, e necessária, é justamente a reprodução total das palavras, frases e expressões usadas durante a explicação de um argumento qualquer.

Esta atividade foi executada em várias comunidades do entorno de Mariana e Ouro Preto pelo Programa, em parceria com a Agenda 21 Local de Mariana. Conseguiu-se também realizar um DRP em comunidades do entorno de Minas Novas, localizado no Vale do Jequitinhonha. O diagnóstico foi aplicado na comunidade de Macuco, comunidade com forte impacto da escravidão nos séculos XVIII e XIX e do coronelismo nos séculos XIX e XX, característica comum a toda população dessa região (SANTOS, 1997), e acentuado pelo êxodo causado pela participação dos homens da comunidade no cultivo da cana de açúcar em São Paulo e pelo cultivo do eucalipto, tido pela comunidade como responsável por severos impactos ambientais na região.

1.1 A Comunidade

A comunidade remanescente de quilombolas é originada dos processos de resistência africana à escravidão na região de Minas Novas. Com a economia baseada na exploração do ouro nos rios da região, durante o século XVIII, o uso de mão de obra escrava era inevitável (dadas as características e conceitos socioeconômicos que vigoravam naquela época).

Segundo informações dos atuais moradores da comunidade, o nome da região visitada era Barreiro, em referência ao excesso de barro (solos argilosos) existente na região, principalmente na margem do ribeirão que corta o território quilombola. Porém, recentemente (algumas décadas) o nome veio a se firmar como Macuco, em alusão ao pássaro Macuco que era comumente encontrado no local. Vale frisar que o nome Macuco já era usado para definir outro território que fazia fronteira com o então Barreiro, porém acabou assumindo o nome dos dois territórios e formando um único.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

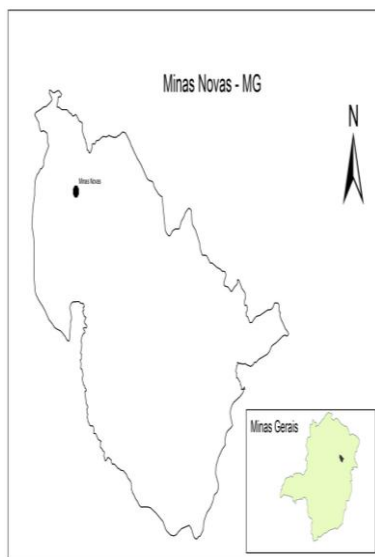


Figura 1 – Município de Minas Novas

2 Objetivos

O DRP foi realizado com o objetivo de se conhecer os processos habitacionais, fortemente influenciados pela cultura popular, suas relações com o desenvolvimento socioeconômico e aspirações comunitárias às questões e problemáticas que mais lhes chamam atenção.

3 Metodologia

Para a aplicação do DRP, foi preciso, primeiramente, delimitar o objetivo de aplicação e preparar a equipe mediadora. Após, fez-se um levantamento para a escolha dos potenciais participantes do diagnóstico. Esses deveriam englobar pessoas chaves e líderes da comunidade.

Delimitado o público-alvo, elaborou-se um questionário a ser discutido com eles. Houve uma reunião prévia, entre a equipe mediadora, na qual se estabeleceu o esqueleto central das questões que promoveriam a arguição dos moradores, porém não houve o engessamento das questões. Isto foi feito para permitir a maleabilidade do cronograma e assim admitir um relacionamento mais dinâmico com a comunidade. O contato entre participantes do diagnóstico e a equipe mediadora foi feito por um membro da equipe que residia na cidade de Minas Novas, o qual foi responsável pela escolha dos locais onde ocorreriam os diagnósticos e agendamento do horário destes. Por conseguinte, através das perguntas da entrevista semi-estruturada, buscou-se entender como funciona a comunidade. Este tipo de entrevista desempenha um papel muito importante no DRP, pois facilita o desenvolvimento de um ambiente aberto de diálogo e permite à pessoa entrevistada se expressar livremente sem as limitações criadas por um questionário. A equipe registrou as informações obtidas de maneira similar às falas e expressões utilizada pelos moradores, como havia sido pré-estabelecido. Após o registro, os relatos foram repassados a representantes da prefeitura para que esta



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

pudesse tomar conhecimento da realidade enfrentada pela comunidade e, assim, e tomar atitudes para a melhoria nas condições de vida nesta.

Como ferramenta auxiliar a ser utilizada, escolheu-se o mapa da realidade local, o qual foi construído em conjunto com a comunidade, logo após a conversa. Os mapas servem para o planejamento, a discussão e a análise da informação visualizada. Podem ser elaborados sobre o papel ou com qualquer tipo de material (pedras, paus, sementes, etc.) sobre o solo. Nesse momento, houve a oportunidade dos moradores apresentarem o espaço físico local e o que gostariam que fosse modificado neste.

3 Resultados e Discussões

Os resultados e discussões a seguir buscam relatar o mais próximo e fiel do que ocorreu no salão que serviu de local para cumprir as atividades previstas no plano original.

3.1 Relato

As equipes das Agendas 21 Locais (EAGL) foram ao Centro de Referência da Cultura e Artes Quilombolas (CRCAQ), localizado próximo da entrada principal comunidade, sede da Associação Comunitária. A associação conta com 200 associados ao todo. Na porta parte do grupo aguardava a chegada da EAGL (curiosamente esse grupo era composto somente de homens, enquanto no interior do CRCAQ aguardavam as mulheres). Liderando-os estava o Sr. Geraldo Fernandes Barroso, presidente da Associação da Comunidade (a associação abrange quatro comunidades: Macuco, Gravatá, Pinheiro e Mata Dois), ele recebeu as equipes carinhosamente, com grande alegria e hospitalidade. Logo em seguida toda a EAGL buscou a apresentação pessoal com cada um dos membros da comunidade que se encontravam ali. Isto permitiu uma razoável sinergia com o grupo de moradores e ambientação com o local, o que facilitaria a comunicação posterior durante as atividades do DRP.

Nesta reunião estavam presentes:

Da comunidade:

- Oito homens;
- Três mulheres;
- Uma criança.

EAGL:

- Nove pessoas – A coordenadora das EAGL, uma Economista Doméstica e sete graduandos.

Inicialmente a coordenadora explicou a todos os presentes os objetivos daquele trabalho. Logo em seguida, toda a EAGL se apresentou formalmente ao grupo, onde foi informado o Nome, Curso que realiza, ou realizado, e cidade de origem. Em seguida, cada membro da comunidade se apresentou, eles informaram Nome, Ocupação e todos citaram sua origem (Comunidade de Macuco).

Posteriormente utilizou-se de perguntas chaves para promover o debate com a comunidade.



Figura 2 – Reunião do DRP.

2.3 Origens da Comunidade

A primeira questão apresentada remetia à origem da comunidade, em seu tempo e processo histórico. Com o uso de citações da história oral, eles informam a EAGL que sua origem é remontada, da época do garimpo de ouro, porém eles não sabiam afirmar qual século exatamente, pois:

“Meus pais e avós não sabiam dessas coisas de calendários e anos”, fala de uma das moradoras presentes.

A comunidade situada na área rural de Minas Novas foi titulada Comunidade Quilombola pela Fundação Palmares em 2005.

“A titulação é reconhecimento da comunidade quilombola”, membro da associação de moradores de Macuco.

Os moradores relataram que o local tinha ouro e devido a isso muitas famílias de escravos trabalharam lá, portanto a comunidade é remanescente de quilombo. Algumas pessoas que trabalhavam no local ganharam o documento da terra e assim foi-se constituindo a comunidade, famílias foram se juntando, outras se mudando para o local. Como disse uma moradora:

“Os primeiros moradores daqui foram escravos, minha bisavó era...”.

2.4 Renda

Ao serem questionados sobre as formas de renda e economia da comunidade, eles prontamente responderam que a agricultura familiar é a base da comunidade, tendo atividades secundárias como pecuária e artesanato. Porém deixaram claro que de artesanato não se vive e que a agricultura é comumente dependente das variações climáticas e meteorológicas. Inclusive apresentaram preocupação com o plantio da mandioca que corria risco de prejuízo devido à falta das chuvas.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

Afirmaram também que o uso da migração ostensiva às regiões de monocultura de café, cana, laranja e outras localizadas nos estados São Paulo, Rio de Janeiro e Triângulo Mineiro é um dos grandes motores da economia local (assim como na sede do município de Minas Novas). Porém, isso causa bastante desconforto, uma vez que o homem da família passa de 8 a 9 meses do ano fora de casa. Os mais velhos da comunidade já tem a expectativa do final desse tipo de emprego (meados da próxima década), quando já esperam a total mecanização das atividades nessas zonas do agronegócio.

O plantio próprio na comunidade seria responsável por 60% do consumo interno. O restante, principalmente grãos, é comprado nos mercados da cidade, pois o plantio no território não é viável devido à baixa produtividade.

Como foi relatado já houve maior produção de arroz, cana e mandioca. A seca vem dificultando os cultivos, principalmente de feijão e milho. A mudança das condições favoráveis à plantação é relatada por um senhor ao afirmar:

“meu pai me criou, sustentando apenas com o que tinha aqui mesmo...”

O artesanato é pouco variado e não acontece de forma integrada entre os artesãos. A reclamação dos moradores é de que não há escoamento dos produtos e por isso eles não investem nesse aspecto. Na comunidade os artesãos fazem crochê, tapete de barbante, instrumentos musicais como caixas e tambores, peças de barro e bambu. A Figura 5 apresenta alguns dos tambores produzidos por artesãos de Macuco.

A região é cercada por eucaliptais facilmente distinguíveis, até no por do sol onde se observa o horizonte constantemente linear. Porém embora quase ilhada por esse deserto verde, não há um único morador das quatro comunidades que, atualmente, trabalhem naqueles empreendimentos.



Figura 3 – Tambores produzidos pelos artesãos

2.5 Sociedade – Cultura, Saúde e Lazer

A comunidade de Macuco apresenta por volta de 35 famílias, com média de 8 a 15 membros por família (segundo os dados do Sr. Gilberto, a comunidade apresentaria por volta de 320 moradores). A Figura 4 apresenta uma foto de uma família comum em Macuco.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”



Figura 4 – Foto de uma família comum da Comunidade de Macuco

É comum observar um grande número de crianças em Macuco, a Figura 5 é uma foto que mostra crianças da faixa etária dominante entre as crianças. Para atender este grupo de crianças, a comunidade possui uma escola de 1ª a 4ª série, porém para as séries seguintes tem-se que recorrer à sede da cidade para prosseguir com os estudos. Não há ninguém que esteja cursando ensino superior, mas uma moradora manifestou o desejo de fazê-lo, porém disse que por causa dos filhos não pôde.

“Tem menino demais, sô!” moradora comenta o tamanho das famílias.



Figura 5 – Crianças da comunidade de Macuco



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

A questão da saúde pública é delicada. A comunidade não tem controle da frequência que o profissional de saúde do poder público visita a região (apresentam sérias desconfianças com os períodos eleitorais). Afirmam que há meses em que os profissionais visitam a comunidade uma única vez, enquanto há meses que eles não aparecem no território. Até a data de realização do DRP já havia mais de dois meses que não havia visita médica na comunidade. Da mesma forma isso se repete com a saúde bucal. O tratamento dentário é complicado devido os problemas existentes para marcar consultas, atendimentos e outros. Algumas afirmam que demoram mais de quatro meses para se conseguir marcar uma única consulta. E que a agente de saúde que visitava a região “deixou” de marcar com antecedência. Caso eles queiram marcar algum dentista, devem fazer a viagem para a sede de Minas Novas por volta das onze horas ou meia noite e aguardar em fila até às sete da manhã.

Esta situação deixa-os sem o cuidado ideal e desamparados das principais demandas e necessidades previstas na Política Nacional de Saúde. É interessante salientar que a comunidade tem conhecimento da importância e necessidade de participar do Conselho Municipal de Saúde, onde eles conseguiriam ter mais domínio das demandas municipais no que tange a Política Municipal de Saúde, porém não buscam por essa ferramenta. Eles não explicaram o porquê disso.

A religião predominante na comunidade é o catolicismo, embora haja membros que professem denominações religiosas evangélicas (Assembléia de Deus). Não houve citação de ritos religiosos afro-brasileiros, inclusive a comunidade rejeitou a possibilidade de existir isso naquele território. Há cultos, ritos e símbolos que remetem ao sincretismo religioso, como o *Benzedeiro*, porém a comunidade afirma que estes que representam esse símbolo não passam as tradições e rituais para as novas gerações. O que deixa exposta a tendência de perder esses conhecimentos tradicionais em pouco tempo.

Possuem conhecimentos antigos na cura de picadas de cobra e doenças, na qual fazem uma relação com o divino, mas esse conhecimento, infelizmente é resguardado e não transmitido aos mais novos. O que enfraquece a tradição.

As possibilidades de lazer se resumem às missas de domingo, quatro festas durante o ano (a principal seria a festa de São Joaquim). Na comunidade há dois membros que participam do congado. Nos eventos festivos comunitários a prática comum é o “Leilão”, onde cada participante traz algum produto para o evento, e este é leiloado. Os valores arrecadados pela venda são repassados à comunidade na forma de obras e melhorias. No caso atual, na construção da capela da comunidade.

O título de quilombola pôde dar a essa comunidade várias vantagens para melhoria social, mas existe um preconceito com a sua cultura e são poucos os moradores que sabem contar histórias da localidade.

2.6 Dificuldades, Sonhos e Aspirações

Em suma os moradores de Macuco disseram que a maior dificuldade é a água em escassez, o que acarreta em problemas como a manutenção das plantações. A falta de água impossibilita, por exemplo, manter uma horta, ficando a água apenas para as necessidades mais básicas.

O trabalho também é uma dificuldade enfrentada, considerando-se que a maior fonte de renda é o trabalho temporário no corte da cana, o que traz prejuízos econômicos e sociais para esta



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

população. Como disse um dos moradores, a comunidade tornou-se a “terra das viúvas de marido vivo”, pois os homens passam em média nove meses fora.

A comunidade não apresenta um desejo (ou pendência a ser solucionada) muito complexo. Basicamente a falta de um ponto de telefone fixo. Afirmam que antes do sinal de celular (potencializado com o uso de antenas próprias) havia muitos inconvenientes, principalmente o deslocamento para a sede de Minas Novas para poder receber ligações.

O sonho de poder sobreviver na sua terra, com condições dignas é recorrente na fala dos moradores de Macuco.

“Sonho é poder sobreviver aqui.”

2.7 Relações Socioambientais

A interação da comunidade com o meio ambiente natural é bem forte. Notou-se que há uma crescente preocupação das pessoas em relação à natureza e uma mudança de comportamento ao lidar com ela, como no exemplo:

“eu já ajudei a destruir a natureza, meus pais também, por falta de conhecimento”.

A seca foi o principal ponto comentado durante a conversa com a comunidade, córregos secando, dificuldade de encontrar água é a realidade das comunidades locais.

Ao questionar o porquê das condições atuais percebeu-se a ênfase ao dizerem que na comunidade ninguém trabalha com eucalipto, atribuindo às plantações de eucalipto parte do motivo do desaparecimento da água.

Existe uma grande reclamação de que a água esta acabando com o passar do tempo. Ao consultar a comunidade em dois tempos distintos (durante a atividade) reparou-se uma tênue relação entre o evento do esgotamento das águas e o plantio dos eucaliptais. O plantio começou em 1975. Mais exatamente em agosto desse ano (o Sr. Gilberto trabalhou no desmate da região para que a empresa pudesse plantar suas mudas). Já a percepção de que as águas começaram a se esgotar a partir de um pouco mais que duas décadas atrás.

A água é encontrada apenas em um poço artesiano, além de quase todas as casas apresentarem algum tipo de coleta das águas da chuva, o problema é que passa muito tempo sem chover, a Figura 6 é uma foto onde mostra uma das técnicas utilizadas para a coleta da água da chuva.

A comunidade protege a cabeceira do rio e estão construindo, com o auxílio do CAV (Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica) pequenas barragens, eles entendem que o assoreamento acabou com muita coisa no território deles.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”



Figura 6 – Caixa de coleta da água da chuva

Embora o IEF disponibilize mudas de espécies nativas, a comunidade informa que não participou desse programa. Estavam com o ano sobrecarregado de atividades e isso poderia atrapalhar as atividades relacionadas com o plantio correto dessas mudas.

Também é importante citar o que o Sr. Gilberto afirma sobre o plantio do eucaliptal:

“A empresa teve muitos problemas com as formigas. Teve que usar muito veneno.”

Essas relações poderiam indicar uma relação entre a cultura dos eucaliptos e a alteração hidrogeológica nos percursos d’água e nascentes. Porém não é possível afirmar essa idéia sem que haja mais estudos precisos e técnicos que possam indicar a dinâmica hidrológica da região.

A maioria das casas da comunidade é de adobe e construções de terra, porém a tendência é que as próximas construções sigam a tendência de serem de alvenaria convencional, por razões econômicas e culturais. Há poucas pessoas que consigam trabalhar com as técnicas de adobe e construções de terra, e o atrativo econômico pesaria para a tomada da decisão, pois o custo pode encarecer, dado o gasto de água que se tem para se fazer uma obra em adobe. Na maioria das casas há fossas, porém algumas não as têm. O lixo é queimado já que não há coleta. Há luz elétrica, não há telefone público, fixo ou celular.

2.8 Mapa da realidade local

Com a aplicação da técnica Mapa da realidade local, pôde-se notar a forte interação entre pessoas idosas e mais novas. Nem todos participaram da confecção do mapa.

Inicialmente o foco do desenho foi nos aspectos físicos relacionados à casa, o que confirma a importância da habitação como necessidade básica do indivíduo. Em seguida vem o rio e córregos que há nas localidades.

Sobre a disposição das casas, observou-se que as casas dos filhos ficam próximas às dos pais. Há algumas casas vazias, de pessoas que morreram.

Destacou-se no mapa um local onde seria importante haver outro poço e o local onde ficaria um telefone caso fosse possível. O Mapa da Realidade Local é apresentado na Figura 7.



9º ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

"O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham"

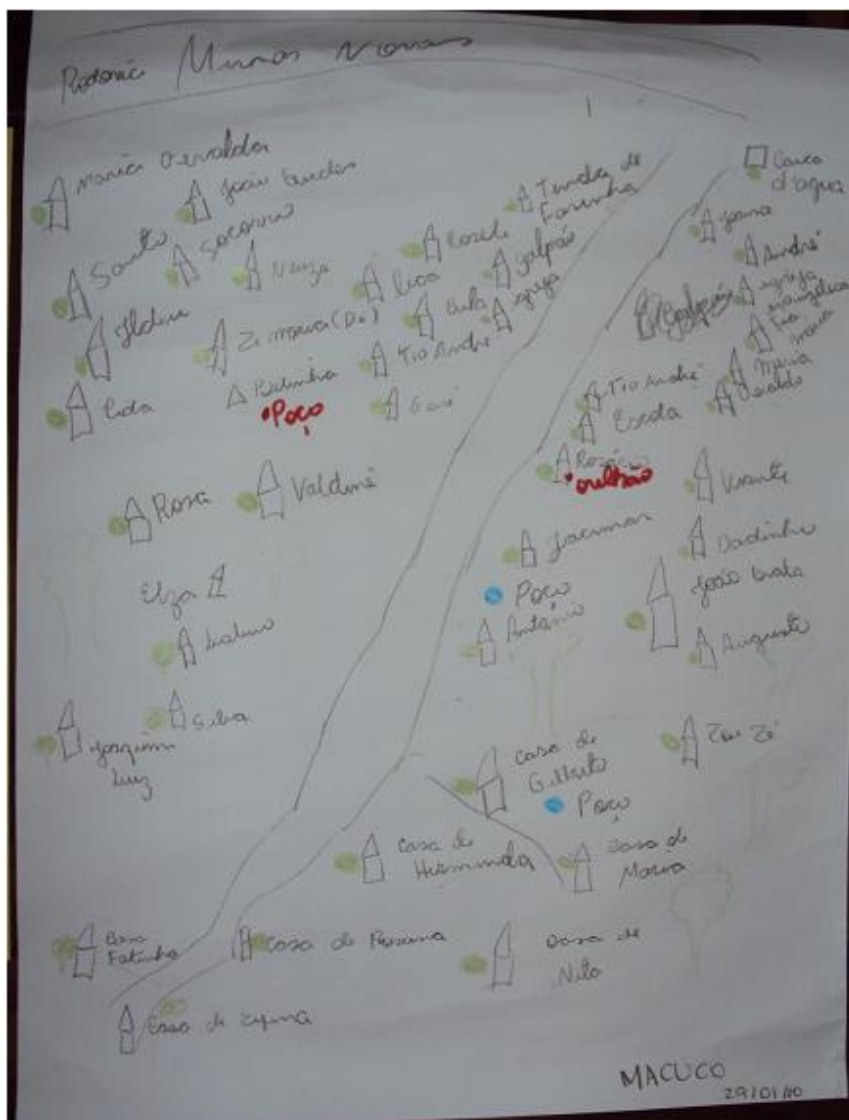


Figura 7 – Mapa da realidade local desenhado pela comunidade

3 Conclusões

A realização desse trabalho trouxe aos estudantes uma nova realidade da sociedade brasileira. Ao afastarmos das nossas universidades e nos aproximarmos da vida cotidiana da maioria da população brasileira começamos a compreender o abismo entre o teórico e prático, o que se sonha e o que se vive.

Ao vivenciar esta atividade, os estudantes entendem que há no Brasil uma séria exclusão socioeconômica com viés regional. Que muito dos problemas que comunidades afastadas sofrem são, sobretudo, consequências da ausência do Estado, deixando-os sujeitos a pressões de grupos e indivíduos economicamente ou politicamente mais poderosos.

Compreende-se que a solução dessa conjuntura dependerá de ações coletivas, de diversos atores sociais. E que a Universidade tem papel fundamental nessas ações, uma vez que nela há



9º

ENEDS

ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA
E DESENVOLVIMENTO SOCIAL



“O Brasil que se quer e os caminhos que se trilham”

conhecimento técnico científico e material humano e que precisam da prática como ferramenta de aprendizado e formação cidadã. Além disso, institucionalmente goza de relativa autonomia que não se observa em outros atores, o que faz dela agente estratégico para levar a cabo soluções que podem esbarrar em interesses políticos individuais que impendem o avanço social destas comunidades.

Portanto a Universidade pode encabeçar ações em conjunto com a comunidade e com outros atores sociais para acelerar o empoderamento da população, em busca da sua autonomia política e econômica. Observa-se assim claramente um dos tripés que sustentam a Universidade brasileira: a Extensão. Enquanto universitários, concluímos que deve existir uma constante luta no interior da Universidade para que haja a valorização desse pé, o que fortalecerá o papel de cidadania que a Universidade deve exercer. E quando sairmos dos muros Dela, essa luta pró-cidadania deve crescer para muito além daquelas existentes na Universidade, existir noutras instituições da sociedade, e assim tornarmos capazes de sermos sujeitos da nossa própria história bem como incentivar o mesmo aos outros, principalmente aos excluídos dos processos decisórios.

5 Referências Bibliográficas

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Agenda 21 Global. Rio de Janeiro, 1992.

CONSÓRCIO PARCERIA 21. Cidades sustentáveis: subsídios à elaboração da Agenda 21 brasileira. IBAM-ISER-REDEH, 2000

JEZINE, Edineide. As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrent/Gestao/Gestao12.pdf>> Acessado em 30 de outubro de 2010.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Agenda 21, 2010. Disponível em: <www.mma.gov.br>. Acessado em 1 de novembro de 2010..

NOVAES, Washington. Agenda 21: Um Novo Modelo de Civilização. Caderno de Debate s.d.

SANTOS, G. R. dos (org); Et al. Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais. 1ª Ed. Montes Claros, Best Comunicação e Marketing, 1997.